

Intelectuais Venais e Axiologia

Nildo Viana*



A classe intelectual é composta por uma variedade de frações e outras divisões que proporcionam valores comuns da classe convivendo com valores diferenciados criados pelas suas subdivisões. O objetivo do presente artigo é discutir a relação de determinado setor da intelectualidade, composto pelo que denominamos intelectuais venais, com a axiologia, ou seja, com os valores dominantes em nossa sociedade.

Antes de iniciar, é interessante discutir o que são os intelectuais venais. No interior da classe intelectual, existem diversas posturas intelectuais. Tais posturas são caracterizadas por expressar uma posição social e um posicionamento que manifesta os seus valores, representações, sentimentos, desejos, concepções políticas, etc. Ou seja, uma determinada posição social tende a constituir um determinado posicionamento. Se a posição social remete para as relações sociais concretas, o posicionamento, por sua vez, manifesta a constituição mental relacionada com tal posição, o que geralmente, mas nem sempre, é coincidente. A postura tende a ser uma síntese entre posição e posicionamento.

As posturas intelectuais são as posturas dos intelectuais, indivíduos pertencentes à classe intelectual, que expressa sua posição social no interior desta classe e seu posicionamento, diante dela e da sociedade como um todo, incluindo suas concepções políticas. Essas posturas sociais variam de acordo com os indivíduos e, no caso mais específico das posturas intelectuais, variam também de acordo com a fração de classe ou esfera social de pertencimento. A posição social de um intelectual em sua classe varia, pois alguns são consagrados e estão apoiados em instituições e prestígio interno, enquanto

* Professor da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG – Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia pela UnB – Universidade de Brasília.

que outros possuem uma situação um pouco inferior, apesar de também manter tais vínculos institucionais e ter certo prestígio. Mas existem aqueles que estão totalmente distante de tais instituições, sem o menor prestígio, sendo amadores ou autoexcluídos. Outras possibilidades poderiam ser citadas.

Nestas diferentes posições sociais no interior da classe intelectual, também vão emergir diferentes posicionamentos, alguns chegando ao antagonismo. É isto que gera as distintas posturas intelectuais. Podemos citar, resumidamente, as distintas posturas intelectuais e seu significado, o que será desenvolvido com maior profundidade em outra oportunidade. As posturas intelectuais são as hegemônicas, dissidentes, ambíguas, venais, engajadas e amadoras. Como nosso objetivo é analisar apenas os intelectuais venais, então apresentaremos uma síntese muito breve das demais. Os hegemônicos são aqueles que possuem a melhor posição social¹ e a supremacia cultural no interior da classe intelectual. Eles podem se dividir entre os consagrados, aqueles que estão no cume da pirâmide do reconhecimento e prestígio, e os estabelecidos, que estão na tendência dominante e possuem um grau menor de reconhecimento e prestígio.

Os dissidentes são aqueles que conseguem certo espaço nas instituições e processos de reconhecimento e prestígio no interior da classe intelectual, mas de forma subordinada e em oposição a diversos elementos que são manifestos pelos hegemônicos. A oposição entre hegemônicos e dissidentes pode ser interpretada como aquela entre “dominantes” e “dominados”, tal como expresso na sociologia dos campos de Pierre Bourdieu (1998; 1983). Eles estão lutando e concorrendo pela supremacia no interior de sua esfera ou da classe intelectual.

Os ambíguos são aqueles intelectuais que possuem vínculo com mais de uma instituição e ficam entre elas. É o caso de um intelectual que é cientista e está na universidade e, ao mesmo tempo, pertence a um partido ou igreja e tenta mesclar os dois compromissos com as duas instituições. Isso gera certas ambiguidades e representações conflitantes, tal como entre a fé religiosa e a ciência, ou entre a necessidade de tomar partido nas questões políticas graças ao vínculo partidário e a exigência, científica, de “neutralidade” e, acadêmica, de circunspeção. A sua posição na classe intelectual pode variar, desde que apague seus vínculos problemáticos, pois pode tornar-se hegemônico,

¹ Tal como a posição dominante numa instituição.

quando se alia com os demais nesta situação, ou dissidente, quando passa a exercer a crítica dos hegemônicos.

Os engajados são aqueles que possui uma postura que corresponde ao sentido sartreano de engajamento (SARTRE, 1994). Estes, por seu próprio posicionamento, dificilmente possuem uma posição social superior na classe intelectual. Se a posição social é a determinação fundamental nos casos anteriores, aqui o posicionamento que é o determinante na postura intelectual. Isso promove uma situação na qual a posição social dos engajados raramente é privilegiada. Isso não é impossível, mas depende de diversas outras determinações e não é a tendência mais forte, sendo, por isso algo raro.

Os amadores, como o nome já diz, são aqueles que não são pertencentes ou são periféricos no interior da classe intelectual. São muitas vezes chamados de “populares”, tal como no caso dos artistas, como alguns que exercem atividades artísticas combinadas com outras atividades profissionais. Alguns vivem da produção artística de forma precária e outros podem ficar em situação um pouco melhor ou pior do que esta. Eles estão na fronteira da classe intelectual, alguns ficando de fora outros de dentro, como marginais internos. Se fôssemos criar um neologismo a partir da teoria das classes sociais do marxismo, diríamos que eles seriam lumpem-intelectuais.

Por último, temos os intelectuais venais. Na verdade, sua descrição deveria ocorrer antes, mas como são eles o que analisaremos aqui, então os deixamos por último. Os venais são aqueles intelectuais que possuem um vínculo mais forte com o capital. São intelectuais que servem a determinados instituições burguesas, empresas capitalistas, sendo mais comum o seu vínculo com o capital comunicacional². Enquanto os hegemônicos e dissidentes disputam o público intelectualizado, os venais voltam suas atenções para o grande público, e os primeiros são tendencialmente elitistas e próximos ao erudito enquanto que os demais se preocupam com a maior parte da população que se pode atingir. Isso depende, obviamente, da esfera social do intelectual. Os intelectuais venais da esfera artística são os da moda e que estão em evidência no capital comunicacional, enquanto que os da esfera científica podem ter uma situação semelhante,

² O capital comunicacional é um conceito substituto do construto “indústria cultural”, não sendo apenas uma troca de nome, mas tendo outro significado, entendendo que a suposta “indústria” é uma empresa capitalista que funciona de acordo com suas regras e objetivos, possuindo suas contradições, entre outros aspectos esquecidos pela concepção de Adorno e Horkheimer (1986). Para uma discussão sobre capital comunicacional, cf. Viana, 2007a.

tal como os autores de *best-sellers*, mas também podem estar alojados em empresas capitalistas que financiam pesquisas ou produções intelectuais voltadas para os seus interesses.

O intelectual venal é próximo daquilo que Marx denominou “sicofantas” ou “lacaio da pena” (MARX, 1988), trabalham para o capital e o retorno financeiro e o sucesso são seus valores fundamentais. Thomas Malthus é um destes intelectuais venais, estava a serviço do capital e por isso Marx o qualificou como “economista vulgar”. O retorno financeiro pode ser conquistado pela venda de seus serviços ao capital (empresas transnacionais ou nacionais, etc.) ou então pela grande vendagem graças ao grande público, o que é manifestação de seu vínculo com o capital comunicacional. A sua posição social difere da dos hegemônicos, pois estes atuam sobre aquilo que Bourdieu (1998) denominou “campo erudito” enquanto que os venais atuam como o que este mesmo autor chamou de “campo da indústria cultural”, embora, na realidade, não apenas neste. A diferença na posição social manifesta-se também no caso das representações e valores. Enquanto que os hegemônicos supervaloram sua esfera e sua classe, os venais já são mais subservientes ao capital e ao grande público. Se para os primeiros a “qualidade” (entendida como formalismo e tecnicismo) são valores fundamentais, no segundo caso isso é algo muito secundário.

Não será possível discutir profundamente estas questões, que em outra oportunidade serão desenvolvidas, mas é interessante deixar claro a existência de diversas posturas intelectuais e perceber que não é possível reduzi-las a apenas duas ou três, tal como Bourdieu apresentou em suas teses sobre campo artístico (VIANA, 2011). Da mesma forma, não é possível, tal como este autor fez, reduzir a realidade das esferas sociais a apenas uma luta interna pelo poder no seu interior. É necessário entender que nas mesmas existe uma disputa interna, mas existem também lutas antiesféricas e extraesféricas. Os amadores muitas vezes estão alheios às disputas no interior das esferas sociais e aos seus critérios de qualidade, entre outros aspectos, sendo extraesféricos, e os engajados são antiesféricos mesmo pertencendo socialmente a alguma das esferas, pois combatem a divisão social do trabalho, incluindo a intelectual, e, logo, não são adeptos do fetichismo que cada esfera tende a produzir ao seu próprio respeito. Em outra obra vamos desenvolver mais a questão das posturas intelectuais, pois nosso foco aqui são os intelectuais venais e seus valores.

Portanto, os intelectuais venais são aqueles que se caracterizam por sua ligação indissolúvel com o capital, no sentido de produzirem obras e realizarem suas atividades visando fundamentalmente o retorno financeiro. Neste caso, encontram-se os artistas ligados ao capital comunicacional e ao grande público, com produções artísticas de baixa qualidade, assim como cientistas, teólogos, entre outros. Como exemplos de intelectuais venais, podemos citar os componentes da antiga “Jovem Guarda”, tal como o cantor Roberto Carlos, e os cantores de música sertaneja, pagode e outros modismos musicais. Ainda na esfera artística, é possível citar Maurício de Souza na subesfera quadrinística³, com *A Turma da Mônica*. Também é possível citar os autores de *best-sellers* e livros de autoajuda, cientistas pagos para produzir “invenções para o capital” (tal como os “inventores de doenças”)⁴, pastores que são “vendilhões do templo”, entre diversos outros. A posição social dos intelectuais venais bem sucedidos é de prestígio social junto às classes desprivilegiadas e desprestígio na sua esfera social de atividade, embora isso muitas vezes não apareça no discurso público dos intelectuais hegemônicos da esfera. Essa posição dos intelectuais venais no interior da classe intelectual e na sua esfera de atividade⁵ é inseparável do seu posicionamento, o que remete para os seus valores e representações.

Nesse sentido, a discussão sobre valores é fundamental para compreender a postura intelectual daqueles que são intelectuais venais. Antes disso, no entanto, são importantes algumas definições que podem facilitar a compreensão. O conceito de valores remete ao que é importante e relevante para os indivíduos⁶. Se um quadro de Picasso é um valor para o indivíduo X, isso significa que para ele é algo importante. O ser humano é um ser valorativo, pois sua memória e recordações, suas ações cotidianas, seu gosto musical, sua preferência por determinada coisa, etc., são manifestações valorativas. Todo indivíduo possui uma escala de valores e nesta existem os valores fundamentais, que são

³ As esferas sociais possuem subdivisões, as subesferas. Assim, na esfera científica, há a subdivisão da esfera sociológica, econômica, biológica, etc., bem como na esfera artística, a subesfera musical, literária, cinematográfica, etc.

⁴ Alguns cientistas se ligam a determinados setores do capital e a questão da ética e vínculo com a esfera e seus valores declarados (como neutralidade) são abandonados na prática concreta, como no caso do vínculo de alguns cientistas com o capital farmacêutico e a invenção de doenças inexistentes para venda de remédios, tais como calvície, disfunção sexual feminina, etc. Cf. Viana (2012b).

⁵ As esferas de atividade são esferas sociais que aglutinam determinadas frações da classe intelectual, tais como a esfera artística, esfera científica, esfera religiosa, etc.

⁶ Toda essa discussão sobre valores está fundamentada em Viana (2007b), obra que pode ser consultada para aprofundamento, pois aqui apenas fazemos uma síntese muito breve da questão dos valores.

sua valoração primária, servindo como meio de escolha dos demais valores, que são secundários, sendo que estes constituem a valoração secundária.

Os valores fundamentais revelam, portanto, grande parte do que o indivíduo é, pois não são somente os valores mais importantes como também meios para outras escolhas, preferências, fonte de criação de outros valores. Se um torcedor de futebol tem este esporte como valor fundamental, então ele definirá amizades, roupas, atividades, etc., a partir desse valor fundamental. Quando se vê uma pessoa com a camisa de determinado time de futebol, principalmente se isso é constante, é possível perceber que o futebol é um valor para tal indivíduo e o time, especificamente, um valor importante. Agora, se tal indivíduo briga, agride, etc., por causa do seu time de futebol, então é possível notar que está acima em sua escala de valores. A música pode ser um valor menor e entre um show de rock and roll e uma partida de futebol, escolhe a última. Um músico, ao contrário, tende a ter a música acima do futebol em sua escala de valores. Os valores geralmente são acompanhados de desvalores, ou seja, daquilo que não se gosta, que é algo visto com desimportante, inútil, nocivo, etc. Muitos podem valorar, simultaneamente, música e futebol, mesmo que um tendo um papel mais importante que outro, mas em determinados casos individuais, um pode valorar a música e desvalorar o futebol. Ou mesmo no interior da música, é possível valorar cantores, bandas, gêneros, e desvalorar outros.

Essa breve descrição dos valores é apenas uma parte da discussão, pois o ser humano é valorativo, mas seus valores não são inatos, como alguns ingenuamente pensam. Os valores são constituídos socialmente. Desde a socialização na infância, passando pela ressocialização na juventude, até mesmo em outras épocas da vida, os indivíduos adotam determinados valores que estão relacionados com sua história, classe social, relações sociais, cultura, etc. A família é uma fonte de geração de valores que dependem dos pais e suas relações com os filhos, bem como a escola é uma fábrica de valores conservadores. O círculo de amizades, a profissão, as instituições, os meios oligopolistas de comunicação, são outras tantas fontes de criação de valores.

Alguns valores são universais e outros são histórico-particulares. Os valores universais são os autênticos, aqueles condizentes com a natureza humana. Os valores histórico-particulares são aqueles gerados por uma sociedade específica, derivados de suas relações sociais e necessidades. A liberdade, criatividade, solidariedade, por exemplo, são valores autênticos, axionomia. A competição, o *status*, o dinheiro, etc., são

valores típicos da sociedade capitalista, sendo, pois histórico-particulares, logo, são axiologia. E a axiologia é sempre dominante em uma sociedade, pois ela expressa os interesses da classe dominante e manifesta sob forma naturalizante as relações sociais concretas dessa sociedade, sua sociabilidade.

Desta forma, não apenas os indivíduos da classe dominante tendem a adotar os valores dominantes, mas a maioria da população ou quase sua totalidade. A força da axiologia está em que ela expressa as relações sociais concretas, a sociabilidade burguesa no caso do capitalismo, e as ideias, representações, valores, sentimentos, dominantes. A sociabilidade no capitalismo é marcada pela competição social em torno do dinheiro, riqueza, poder, prestígio, *status*, fama, sucesso, etc. Essa competição é, por um lado, um constrangimento aos indivíduos e, por outro lado, é voluntário, pois devido à socialização e a reprodução dessa sociabilidade as pessoas passam a fazer isso naturalmente e passam a desejar isso.

Se um indivíduo precisa satisfazer suas necessidades básicas, como alimentação, habitação, vestimenta, etc., no capitalismo ele precisa de dinheiro, que acaba se tornando um valor para muitas pessoas, acima de outros muito mais nobres. Para conseguir dinheiro ele necessita trabalhar e para isso terá que competir, quer queira ou não, no mercado de trabalho ou no processo de escolarização, meio para acesso ao trabalho na maioria dos casos. A competição na escola e trabalho se reproduz na vida cotidiana e está no processo de socialização e ressocialização, os indivíduos desde a infância devem competir nos esportes, nas escolas, nos jogos e vê a competição em todos os lugares, na família, na TV (desenhos animados, filmes, etc.), etc.

A competição está em todos os lugares e mesmo que uma pessoa não queira competir, vai ter que fazê-lo. Isso gera, quase que na totalidade da população dos grandes centros urbanos, uma mentalidade competitiva. Nesse caso, a competição não é mais uma imposição das necessidades sociais, pois torna-se um desejo das pessoas, elas *querem* ganhar a competição, possuir mais dinheiro, poder, *status*, fama, etc. Elas passam a naturalizar esse desejo, pois não somente observam isso na sociabilidade, nas relações sociais concretas, como também na cultura em geral, nas ideologias que naturalizam esse processo (desde o darwinismo e seus derivados na biologia, passando por várias tendências da psicologia, economia, sociologia, etc.), meios oligopolistas de

comunicação, nas produções intelectuais mais diversas (cinema, música, histórias em quadrinhos, etc.) (VIANA, 2008).

A axionomia, nessa sociedade, é marginalizada. Mas, por ser produto de necessidades humanas autênticas, não pode ser totalmente abolida. A necessidade de desenvolvimento da liberdade e criatividade existe, mesmo que sufocada e tentando transferi-la para o plano do trabalho alienado, lugar de seu impedimento. Da mesma forma, a necessidade socialidade, ou seja, de vínculo social autêntico, continua existindo, apesar de seu sufocamento pela competição social e pela luta de classes, e acaba tentando se manifestar de forma mais restrita, num círculo social mais próximo (amor romântico, família, amizades íntimas, etc.). Assim, todos os indivíduos possuem determinadas necessidades e a artificialidade imposta pela mentalidade dominante e sua axiologia acaba gerando conflitos no próprio universo psíquico dos indivíduos.

Obviamente que, em alguns casos, há a recusa da sociedade capitalista e, por conseguinte, de sua sociabilidade e mentalidade dominante. Essa recusa que pode ser mais ou menos coerente em alguns indivíduos, pode ser apenas no plano da consciência, no da organização de um coletivo para combate da sociedade, etc. Essa recusa também pode ser semiconsciente ou não-consciente, tal como se manifesta na insatisfação não manifesta das pessoas, nos desequilíbrios psíquicos (neurose, psicose, etc.). Nesse contexto, a axiologia reina, mas seu reino é como o Império Romano em sua fase final: corroído por dentro e ameaçado por fora.

Porém, a axiologia acaba sendo dominante na sociedade burguesa. Ela é uma determinada configuração de valores dominantes que assume outras configurações, outras formas. Uma das formas assumida pela axiologia é através das produções da classe intelectual, que incorpora alguns valores da classe dominante, mas descarta outros. Essa incorporação e descarte têm a ver com a posição de classe da intelectualidade e sua competição com a burguesia. A classe intelectual tende a supervalorar a cultura, a “inteligência”, a técnica, a ciência, a arte, e tudo o que é semelhante e derivado, pois são produtos de sua atividade e que por isso devem ser valorados para possuir um melhor espaço na sociedade moderna, uma forma de disputar e competir no seu interior.

Nesse contexto, os intelectuais hegemônicos são os principais responsáveis por essa supervaloração da produção intelectual, apoiados pelos intelectuais ambíguos e pelos dissidentes, que disputam entre si qual produção intelectual é mais legítima, importante,

etc., mas nenhum a questiona em si mesma e nem suas finalidades (reais ou ilusórias), mas apenas seus “desvios”. Por outro lado, os intelectuais engajados, amadores e venais, por razões diferentes, não realizam tal apologia da produção intelectual, principalmente a dominante. Os intelectuais venais podem até valorá-las, mas não constituem seus valores fundamentais.

É nesse contexto que podemos analisar a relação dos intelectuais venais com a axiologia. Ao contrário dos demais intelectuais, o seu vínculo com os valores dominantes é muito mais estreito e muito mais próximo. Enquanto um intelectual hegemônico pode questionar determinados valores dominantes da sociedade burguesa, mas substituí-los por outros valores que também não são autênticos ou por valores autênticos subordinados a valores particularistas, o intelectual venal vai fazer dos valores dominantes seus valores fundamentais e os valores de sua classe social (a intelectualidade) ou de sua esfera social específica (artística, jurídica, científica, etc.), ou, ainda, de sua subesfera, são secundários e muitas vezes meramente decorativos⁷.

Assim, ao invés da valoração da cultura, da produção intelectual, da beleza, da qualidade, da técnica, do formal, etc., o intelectual venal tem como valores fundamentais o dinheiro, a fama, o sucesso, o poder. Mas ele sabe que a fonte da fama e do sucesso que pode adquirir, o que está atrelado de onde vem o dinheiro e talvez o poder, está no grande público e não no público intelectualizado, ou seja, na própria classe intelectual. Logo, ele quer agradar é a este grande público, que comprará seus CDs, DVDs, assistirá seus shows, filmes, etc. E a ideia aqui é “agradar”, se “adaptar” ao grande público e ao capital comunicacional. Em outros casos, é agradar ao capital que o financia (tal como o capital farmacêutico, entre outros). Esse processo já revela em si alguns valores fundamentais de tais intelectuais: dinheiro, fama, sucesso.

Isso pode ser percebido em inúmeras produções culturais. Os intelectuais venais raramente, a não ser que sejam muito iludidos, esperam grandes homenagens ou reconhecimento vindos do público intelectualizado e da classe intelectual a respeito de suas produções. Claro que há algumas exceções para essa baixa expectativa em determinadas áreas de atuação. Os intelectuais venais são criticados tanto por outros intelectuais quanto pelos meios oligopolistas de comunicação. O capital comunicacional,

⁷ Aparentes, apenas para parecer que tem vínculo ou valora o que deveria fazer naturalmente por ser de tal subesfera, esfera ou classe.

por dividir seu público em estratos e para agradar o público intelectualizado, além de ter no seu interior indivíduos da classe intelectual, é ambíguo diante dos intelectuais venais, revezando entre apologia e desqualificação. Os intelectuais não-venais que atuam nos meios oligopolistas de comunicação acabam realizando críticas e mostrando que a produção intelectual dos venais é um desvalor para eles, apesar de muitos evitarem tais críticas publicamente e outros reproduzirem as ambiguidades do capital comunicacional.

Os intelectuais venais são reprodutores dos valores dominantes em suas produções culturais. Isso é amplamente perceptível no caso da esfera artística devido a maior popularidade geral de suas produções. Isto se revela na música, no cinema, histórias em quadrinhos, literatura, entre outras formas de arte. Vamos mostrar isso em algumas produções artísticas para demonstrar a veracidade dessa afirmação.

Na subesfera musical, há milhares de letras de músicas e produções musicais em geral que comprovam isso. Basta olhar em qualquer site da internet os “mais ouvidos” ou “top de artistas” ou “top de músicas” para perceber isso. O desfile de coisas pouco palatáveis para um gosto mais exigente, como Luan Santana, Jorge e Mateus, Sorriso Maroto, Lucas Lucco, entre outros, já deixa entrever o baixo nível musical. Letras simplórias e sem nenhuma pretensão de significar algo mais que passatempo ou coisa sem sentido, ou uso de sentimentos e valores dominantes para conseguir público. A apologia do amor romântico, apresentado como valor fundamental e até sentido da vida, se reproduz na maioria das músicas triviais produzidas pelos intelectuais venais dessa subesfera artística. E ainda de forma que empobrece o próprio amor romântico. Um exemplo bem atual, na letra da música abaixo, é suficiente para ver isso:

TUDO QUE VOCÊ QUISER

Luan Santana

Tem dias que eu acordo pensando em você
Em fração de segundos vejo o mundo desabar
Aí que cai a ficha que eu não vou te ver
Será que esse vazio um dia vai me abandonar?

Tem gente que tem cheiro de rosa, de avelã
Tem o perfume doce de toda manhã
Você tem tudo, você tem muito.

Muito mais que um dia eu sonhei pra mim
Tem a pureza de um anjo querubim
Eu trocaria tudo pra te ter aqui

MOZÃO

Lucas Lucco

Oh moção, cheguei à conclusão
Já faz tempo que a gente fica
Quase um namoro, sei lá, a gente enrola
Eu sinto falta de você quando não está aqui.

Sei lá, dá vontade de te amarrar
Colar em você e te prender a mim
Vontade de casar, ter filhos pra gente cuidar
Pra sempre namorar.

Eu sei, tô viajando
Tô novo, mas o que custa sonhar?

Eu troco minha paz por um beijo seu
Eu troco meu destino pra viver o seu
Eu troco minha cama pra dormir na sua
Eu troco mil estrelas pra te dar a lua
E tudo que você quiser
E se você quiser te dou meu sobrenome

(repete).

Se o tempo não para de passar
E nunca vai parar

Num piscar de olhos, tá passando mais de um mês
A gente fica velho e o que a gente fez?
Não deixe o nosso plano acabar
Esteja aqui amanhã quando eu acordar

Momôzim, vamos fazer assim
Eu cuido de você, você cuida de mim
Não desisto de você e nem você de mim
Vamos até o fim, dá a mão pra mim (repete).

As letras, além da simplicidade, são risíveis. O amor romântico aparece como valor fundamental na vida do indivíduo. A letra da primeira música, “*Tudo que você quiser*”, demonstra isso com clareza, a começar pelo título. O cantor diz trocar tudo pelo pela realização do seu amor romântico, a paz, o destino, etc. Essa entrega total do indivíduo, típico do amor romântico, é produto de uma sociedade na qual a solidão, a competição social e os conflitos isolam os indivíduos e produz a necessidade de uma comunhão total com outro indivíduo, que supostamente o casamento seria a solução (no imaginário nele as contradições e a sociedade não atuaria e por isso estaria livre de conflitos, competição, etc.). Embora remeta a sentimentos reais (o vazio da solidão) é sob a forma abdicada, na qual para se realizar deve se fundir com o outro e se despersonalizar, se tornar propriedade do outro, embora a recíproca seja verdadeira, pois “se você quiser te dou meu sobrenome”, o que significa casamento e o homem “ceder” seu sobrenome para a mulher, mostrando as relações hierárquicas entre os sexos⁸, e que, no fundo, convive sentimento de solidão e necessidade de fusão, acompanhado por outros valores dominantes, tal como o casamento e superioridade masculina. No fundo “Tudo o que você quiser” é dentro dos limites das relações estabelecidas entre os sexos na sociedade capitalista, não deve ser levado ao pé da letra, pois aqui tem o pressuposto do que pode

⁸ Até algumas décadas atrás era obrigatório a esposa ter o sobrenome do marido e agora se tornou opcional. A raiz dessa obrigatoriedade se fundamenta na passagem da propriedade, que se dá em linha paterna, cabendo ao homem o papel de “chefe de família” e por isso o sobrenome do pai é o fundamental e deve ser herdado pela esposa e filhos. O sobrenome da mãe também é herdado, mas com papel secundário. O que mudou é que a mulher não é mais obrigada a alterar seu nome e incluir o sobrenome do seu marido, mas a prioridade continua sendo masculina e isto é reproduzido no sobrenome e na importância maior do último e não do sobrenome do meio, o que é reproduzido inclusive na literatura científica, na qual o mais importante é sempre o sobrenome, de origem masculina, e por isso até as feministas reproduzem as regras da ABNT e se identificam pelo sobrenome de origem paterna. Claro que não é fazendo de conta que as regras e tradições não existem que se mudam as relações sociais concretas (se bem que seja esse o discurso de muita gente, apenas no discurso e somente no discurso...), mas nenhuma luta é feita para alterar tais regras e tradições, o que não deixa de ser curioso, e muito menos para alterar as relações sociais concretas que geram tais regras e tradições.

querer uma mulher (como já dizia outro cantor brega dos anos 1970, “dos sonhos que tem toda mulher, um deles é ter casa bonita”...)⁹. No fundo, a música repete chavões e reproduz os valores dominantes.

Obviamente que o amor romântico não é um valor dominante em si mesmo, mas assume esse caráter no interior de uma determinada axiologia, ou seja, numa das configurações que os valores dominantes assumem. Este valor pode ser visto com facilidade nos filmes hollywoodianos e em diversas outras manifestações culturais, desde a forma reconhecida e clássica de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, até as novelas da Rede Globo. Contudo, ao ser eleito o valor fundamental e acima de todos os demais valores (liberdade, criatividade, solidariedade, etc.) torna-se algo possessivo e reprodutor das relações sociais burguesas¹⁰.

O amor romântico no interior da sociedade capitalista e da forma como se constitui é axiológico, sendo ele o valor fundamental e entrando em conflito com outros valores dominantes (dinheiro, riqueza, trabalho, etc.) ou subordinado aos demais. No primeiro caso, é mais uma fuga da sociedade que dilacera os indivíduos que se isolam, mas não combatem e ainda reproduzem todo o resto e no segundo caso é apenas um apêndice que convive com os demais valores dominantes. É algo formado socialmente num contexto específico que transforma as necessidades afetivas e sexuais em fetiche e elemento de reprodução do capitalismo.

A segunda letra, cujo título já é motivo para gargalhadas, mantém a mesma simplicidade e os valores dominantes, com uma maior dose de possessividade (“dá vontade de amarrar”, “te prender a mim”, “casar”). Da mesma forma que a anterior, o amor romântico é o objetivo central da vida, o valor fundamental. Ao contrário de outros, que preferem evitar o casamento pela suposta liberdade que se tem antes disso, o foco é o compromisso final, o contrato assinado. A letra da música também coloca a questão da juventude, ao colocar que é jovem (“tô novo”), que fica velho e nada fez, etc., demonstrando que é necessário casar. Isso reforça o que Lapassade chama de mito do

⁹ Trata-se da música, “Casa Bonita”, de Amado Batista.

¹⁰ A lógica final do amor romântico não é uma relação amorosa produtiva e que contribui com o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos e sim a possessividade e isolamento, sendo que o exemplo mais claro disso é a ideia do casal como uma ilha, como se fosse uma “Lagoa Azul” (filme estadunidense de 1980, dirigido por Randal Kleiser). A crítica do amor romântico, no entanto, não é uma crítica ao amor sexual e sim sua configuração burguesa. A análise do amor produtivo pode ser vista em Fromm (1990) e do amor romântico, apesar de seus aspectos problemáticos, MacFarlane (1990).

adulto-padrão (LAPASSADE, 1975; VIANA, 2014a) e, no fundo, é possível ver uma contradição entre a ideia de casamento como de um “namoro eterno”. O amor romântico é o foco central do sucesso de artistas venais da subesfera musical. Essa fórmula não é nova e passa por toda história da música popular, sendo uma de suas tendências de conteúdo mais forte.

Mas muitos questionariam se seria possível chamar Lucas Lucco e Luan Santana, bem como Roberto Carlos e outros, como “intelectuais”. Claro está que tal questionamento seria oriundo de alguns intelectuais hegemônicos de concepção elitista, para quem a palavra intelectual não teria um significado social, de um indivíduo pertencente a uma classe social específica, cujo papel é produzir manifestações culturais¹¹, e sim alguém com suposta superioridade mental. Não é o caso, pois se certos indivíduos são da classe intelectual, logo, são intelectuais, apesar de seu saber possa ser abaixo de indivíduos que nem sequer pertencem a tal classe. Nos estratos mais baixos da classe intelectual, no sentido cultural (não no sucesso ou no plano financeiro) existem pessoas extremamente simplórias e de pouco saber, a começar por algumas duplas sertanejas que demonstram isso ao vivo em rede nacional de televisão.

Mas os intelectuais venais também se manifestam em outras esferas e subesferas e sob forma muito mais refinada. Claro que em todas existem os piores e que, portanto, a simploriedade é constante nos estratos inferiores. No caso da literatura, os *best-sellers* são exemplares. No caso da produção de não-ficção, há o filão da autoajuda explorada por inúmeros intelectuais venais, como Lair Ribeiro, Içami Tiba e Paulo Coelho, e cujo caráter axiológico não é preciso explicitar com análise do conteúdo de suas obras, basta citar alguns títulos para que isso seja demonstrado (aliado ao objetivo suposto que é o “indivíduo se ajudar em relação a algo”, geralmente dinheiro e sucesso). Basta citar dois títulos: de Lair Ribeiro: “Enriquecer”; de Lauro Trevisan: “Você tem o poder de alcançar riquezas”. Enriquecer já diz tudo, a riqueza como valor fundamental e “o poder de alcançar riquezas” não precisa de muito mais para saber do que se trata¹². Os intelectuais

¹¹ Por mais ridículas, simplórias e de baixa qualidade que sejam.

¹² Uma rápida olhada nos resumos dos referidos livros é suficiente para dirimir quaisquer dúvidas. No site de Lair Ribeiro não só confirmamos que o título não desmente o conteúdo, como ainda podemos ter acesso a outras pérolas como “O sucesso não ocorre por acaso”; “Como passar no vestibular”; “Uma venda não ocorre por acaso”; “Gerando lucro”; obras nas quais os valores burgueses da riqueza, sucesso, vencer a competição social, são o grande objetivo e por isso elas oferecem os meios para atingi-los. Obviamente que no processo de divulgação já se manifestam tais valores, o *status* da palavra “doutor” antes do nome do autor, é uma dessas estratégias, já que assim ganha credibilidade e mostra que ganhou alguma

que trabalham na área de publicidade e propaganda também reproduzem os valores dominantes em suas peças publicitárias, entre milhares de outros exemplos.

Na esfera científica, temos os especialistas em escrever manuais (de todas as áreas) como principal exemplo. Mas existem, nesta esfera, indivíduos mais discretos cujo valor fundamental é vencer a qualquer custo. Isso, por um lado, faz parte da própria característica da esfera científica, pois retirando os casos atrelado ao capital comunicacional (especialmente os que trocam a atividade especificamente científica de pesquisa e ensino pela atividade de divulgação e transformação dos produtos científicos em mercadorias), pois ela trabalha com o pensamento complexo, em instituições especializadas e empresas privadas, e, portanto, não são relacionados diretamente com a população.

Dois filmes retratam esse tipo de intelectual: *O Fugitivo* (Andrew Davis, EUA, 1993) e *O Informante* (Michael Mann, EUA, 1999). No primeiro caso, um médico é acusado de assassinar a esposa, numa trama armada pelo capital farmacêutico para retirá-lo do caminho e assim aprovar um remédio cujo parecer dele havia sido contrário, mas que um colega aprovaria, pois já havia um acerto com este. No segundo filme, o cientista trabalhava para o capital tabaqueiro (“indústria do tabaco”) e participativa não só das práticas da empresa de negar o caráter viciante da nicotina, como também adicionavam produtos químicos para intensificar essa característica (VIANA, 2014b). Esses dois exemplos do mundo fílmico não são apenas ficção, no fundo, revelam uma realidade escondida e que está relacionada com o processo de financiamento da pesquisa, seja pelo Estado seja pelo capital. Mesmo nos meios acadêmicos existem aqueles que vivem de financiamento ou atrás do financiamento (no caso brasileiro, os que trabalham nas universidades estatais, que tem aqueles que fazem por necessidade para realizar pesquisa já que os recursos ficam cada vez mais escassos no neoliberalismo, mas que tem outros que se tornam quase profissionais em editais e financiamentos estatais ou privados).

O capital farmacêutico é um dos grandes exemplos e a “invenção de doenças”, entre outras ações, apenas comprovam esse processo. Os intelectuais envolvidos nesses processos produzem e reproduzem os valores dominantes e abandonam a configuração

competição para ser um “doutor”, um médico, um vencedor que pode dar conselhos aos perdedores que querem ser como ele.

de valores específicas da classe intelectual (outra axiologia, mas que tem elementos próprios) e ficam ainda mais distantes dos valores autênticos, da axionomia. Os valores que movem os intelectuais venais da esfera científica não são os do compromisso com a verdade, transformação social, emancipação humana, como numa perspectiva crítica e nem os valores dominantes da esfera científica, como a ciência, a técnica, a “qualidade”, etc.

Em síntese, os valores fundamentais dos intelectuais venais são os da classe dominante, reprodutores da sociedade capitalista. O dinheiro, o poder, a fama, entre outros valores axiológicos, são seus valores fundamentais. E os valores fundamentais dos produtores, os intelectuais venais, se materializam em seus produtos, também axiológicos. Criadores e criaturas, numa unidade axiológica. Música axiológica, literatura axiológica, teses axiológicas, técnicas axiológicas, um mundo axiológico. O cifrão é o rei neste mundo axiológico e os intelectuais venais são seus meros serviçais.

Referências

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- FROMM, Erich. *A Arte de Amar*. São Paulo: Itatiaia, 1990.
- LAPASSADE, Georges. *A Entrada na Vida*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- MACFARLANE, Alan. *História do Casamento e do Amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 1, 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- SARTRE, Jean-Paul. *Em Defesa dos Intelectuais*. São Paulo, Ática, 1994.
- VIANA, Nildo. Capital Farmacêutico, Medicalização e Invenção de Doenças. Revista Espaço Livre, v. 07, num. 13, jan./jul. 2012. Disponível em: <http://revistaespacolibre.net/el13.pdf> acessado em 12/12/12.
- VIANA, Nildo. *A Dinâmica da Violência Juvenil*. São Paulo: Ar Editora, 2014a.

VIANA, Nildo. *A Esfera Artística. Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte*. 2ª edição, Porto Alegre: Zouk, 2011.

VIANA, Nildo. A Esfera Científica no Cinema. RUA – Revista Universitária de Audiovisual. Ano 7, num. 70, Abril de 2014b.

VIANA, Nildo. *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007b.

VIANA, Nildo. *Para Além da Crítica dos Meios de Comunicação*. In: VIANA, Nildo (org.). *Indústria Cultural e Cultura Mercantil*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007a.

VIANA, Nildo. *Universo Psíquico e Reprodução do Capital*. Ensaio Freud-Marxistas. São Paulo: Escuta, 2008.